



## ***O nosso carro é um abrigo***

Os carros da polícia estão cada vez mais próximos. O barulho das sirenes faz-me doer os ouvidos e as luzes cegam-me os olhos. Até dou um salto, de tão assustada que estou.

— Não te mexas, Zettie — avisa a minha mãe. — Não podemos dar nas vistas.

Enfiamo-nos por entre as roupas que estão no assento traseiro do carro.

— Mãe, é um bocado assustador dormir no carro — sussurro.

A minha mãe concorda:

— Eu sei. Estão sempre a acontecer coisas e os carros da polícia andam sempre em perseguições.

E abraça-me com força, enquanto dura o barulho das sirenes.

Quando fica tudo em silêncio, a minha mãe conduz pela Chandler Avenue e estaciona diante do pátio de um bloco de apartamentos, cujo jardim está cheio de flores: buganvílias, rosas, hibiscos. À luz dos candeeiros da rua, as cores são tão alegres como as das flores do pátio que deixámos em Port Antonio. Adoramos estacionar neste sítio.



Durante semanas, um letreiro a dizer “Aluga-se” esteve pendurado numa das janelas. Na semana passada, quando perguntamos pelo andar, o dono disse-nos que só o alugava a pessoas com um emprego fixo. E queria dois meses de renda adiantados, dinheiro que a minha mãe não tem.

Fecho os olhos e vejo-me na terra dos meus sonhos, com o meu pai e a avó Mullins. Estamos na Jamaica, a fazer um piquenique na praia. As ondas rebotam de encontro às rochas e acordo com o barulho. Afinal, não estou na Jamaica. Estou na América. E não foi o barulho das ondas que me acordou, mas alguém a bater na janela do nosso carro.

A luz de uma lanterna ofusca-nos os olhos.

— O que está a fazer aqui, minha senhora? — pergunta um polícia, num tom de voz duro.

— A minha filha e eu só estamos aqui a passar a noite, senhor.

— Aqui não é permitido estacionar à noite — informa o agente. — Tem de procurar outro lugar.

— Eu procuro, senhor, mas não estamos a fazer nada de mal — diz a minha mãe.

Depois, senta-se ao volante e saímos dali. As lágrimas deslizam-lhe pela face, como quando o meu pai morreu.

Chego-me à frente e acaricio-lhe os caracóis.

— Ó mãe, porque não vamos para a Magnolia Avenue? Lá, os polícias nem sequer incomodam o Senhor Williams, quando ele dorme no banco do parque.

— Boa ideia, filha! Tinha-me esquecido desse lugar.

A minha mãe estaciona o carro na Magnolia Avenue e aconchegamo-nos. Em breve adormeço nos seus braços.



Na manhã seguinte, bem cedo, a minha mãe acorda-me e diz:

— Vamos utilizar a casa de banho do parque antes que fique cheia de gente.

Está muito frio lá dentro e tremo enquanto visto o meu uniforme escolar. Depois, salpico a cara com a água da torneira.

— Esta água é fria como gelo, mãe.

— Tens de ser corajosa! — murmura ela.

Saímos e sentamo-nos num banco. A minha mãe faz-me quatro

tranças, como eu gosto, embora puxe o meu cabelo com força para que fiquem bonitas. Começo a cantar uma canção que inventei, para me distrair dos puxões.

A minha mãe canta comigo, durante algum tempo, mas, quando canto mais alto, põe um dedo nos lábios e diz:

— Canta mais baixo, Zettie. Ainda acordas o Senhor Williams.

Depois, abre a nossa pequena geleira e faz sanduíches com manteiga de amendoim e geleia. Bebemos o resto de um refresco de laranja. É doce, mas, como já tem três dias, não sabe muito bem.

— Quem me dera um chocolate quente — digo. — Como aquele que fazias com os grãos de cacau que apanhávamos perto de casa.

— Sinto-me triste por não poderes beber um — diz a minha mãe, olhando-me nos olhos.

Em seguida, pergunta-me:

— Lembras-te do sol da Jamaica? De como brilhava depois de uma chuvada?

Claro que me lembro.

Sobretudo em dias frios e enevoados como o de hoje. Por que razão morreu o meu pai? Os empregos temporários da minha mãe e o curso profissional que frequenta com tanto esforço fazem com que todos os dias sejam escuros e húmidos.

— Quando arranjar um trabalho fixo, o sol vai brilhar de novo — diz a minha mãe, como se conseguisse ler os meus pensamentos.

Fico calada. Já a ouvi dizer isto muitas vezes, mas sei que as coisas agora estão mais difíceis. A caminho da escola, pergunto:

— Mamã, será que podias...

— Podia o quê, Zettie?

— Deixar-me ficar na esquina por detrás da escola?

— Porquê? — pergunta.

— Por causa de uns rapazes maus que dizem que o nosso carro é um pedaço de sucata velha. E também fazem troça da bandeira no vidro. Não podemos tirá-la, mãe? — pergunto.

A minha mãe pára o carro e dá-me um abraço.

— Não lhes prestes atenção, filha. Estuda,



como o teu pai fazia, e anda de cabeça erguida. Eu tiro a bandeira.

Apresso-me a sair.

— Espero por ti no recreio depois das aulas — digo à minha mãe, virando-me para trás.

Quando ela me vai buscar depois das aulas, enfio a cabeça no casaco para não ser reconhecida ao esgueirar-me para dentro do carro.

— Hoje, não havia empregos de escritório na agência — diz.

— Isso significa que vamos comer manteiga de amendoim e geleia à noite, outra vez? — pergunto.

— Não, porque fiz outra coisa. Adivinha o que foi.

— Nunca mais teremos um apartamento se tu não tiveres um emprego fixo.

— Distribuí panfletos numa Feira de Saúde. Não fiz muito dinheiro, mas tenho o suficiente para comprar o jantar e meter gasolina no carro.

Fico com a cara a arder e sinto um aperto no peito. Porque não pode a minha mãe ter outro tipo de trabalho? A fome faz-me esquecer a tristeza.

— Podemos partilhar cachorros quentes e queques com a Ana Mae e o Benjie?



Quando chegamos ao parque, o Benjie corre ao meu encontro. Tem oito anos, como eu, mas é pequeno e franzino. A minha mãe faz jantar para todos. Os olhos do Benjie brilham e pergunto-me se terá comido alguma coisa hoje. Depois da refeição, pergunta-me:

— Queres vir comigo procurar latas e garrafas vazias para vender?

— Não sei... — hesito.

A minha mãe é muito atenta e não gosta que eu ande a remexer em coisas. O Benjie está a poupar o dinheiro das latas e das garrafas que apanha para ajudar a mãe. Já tem 1 dólar e 50 cêntimos.

— Fiquem por perto e sejam cuidadosos — pede a minha mãe.

O Benjie corre por entre as árvores à procura de garrafas e latas. Mas, quando começa a procurar no lixo, digo-lhe que é perigoso e ele pára. O montão de latas que arranjou deixa-nos satisfeitos. É capaz de lhe render outro dólar.

— És a minha melhor amiga — diz, enquanto se despede com um aceno.

— Também tu és o meu melhor amigo —  
replico.

Nessa noite, a minha mãe e eu  
aconchegamo-nos no banco traseiro do carro e  
ela lê-me um livro que requisitamos na  
biblioteca.

— Dormir no carro é melhor do que no  
albergue da igreja — digo. — Detestava aquele  
lugar barulhento e cheio de gente! Havia um  
bebé que chorava constantemente, lembras-te?

— Por isso, prefiro usar o nosso carro  
como abrigo — responde a minha mãe.

Aninho-me contra ela, enquanto estuda para um dos seus exames.



No dia seguinte, depois das aulas, leio o meu livro, enquanto espero  
pela minha mãe no recreio. Mal viro a página, o Alex, que é um rufia, põe-me  
atrás de mim e puxa pelas minhas tranças.

— Olha a Zettie da chocolateira! — troça. — Vejam só a Zettie da  
chocolateira! — diz para os amigos.

Todos se riem e gritam “Zettie da chocolateira!”

— Palermas! — respondo.

Ficam furiosos e o Alex volta a puxar-me as tranças com força.

Sinto-me assustada. Não vejo nenhum professor. O que hei-de fazer?  
Acabo por desatar a correr o mais depressa que posso. Saio do recreio, desço  
a rua e paro numa esquina onde já não me podem ver. Estou sem fôlego  
quando vejo a minha mãe junto do portão da escola. Sai do carro à minha  
procura.

— Mãe, mãe! — chamo e aceno.

Contudo, ela não me vê. Volta a entrar no carro e dá meia-volta. Grito  
mais alto e corro, mas tropeço e vejo-a afastar-se. O meu joelho ficou  
esfolado e a sangrar. Coxeio até à esquina. Depois, sento-me e choro. As  
nossas vidas mudaram tanto depois da morte do meu pai...

Espero mais um pouco, sem tirar os olhos do recreio, mas a minha mãe  
não regressa. Para onde terá ido? Saber que anda à minha procura ainda me  
faz chorar mais. Abro os olhos quando ouço o ruído de uma moto a parar



junto de mim. É um polícia! Será que me meti em sarilhos?

O polícia pergunta:

— Estás perdida?

— Não, senhor. A minha mãe atrasou-se a vir-me buscar.

— Não posso deixar-te sozinha — diz, num tom de voz amável.

Fica junto de mim, mas não demasiado próximo. Não sabia que um polícia podia ser tão gentil. Pensava que eram todos maus.

A espera parece-me eterna e dou-me conta de que, num mundo cheio de pessoas, só tenho a minha mãe. Onde se terá ela metido? O que será de mim se algo lhe acontecer? Será que o polícia vai pôr-me numa família de acolhimento? Viver num carro não é a melhor situação, mas, pelo menos, tenho a minha mãe para me amar e cuidar de mim.

Ouço um carro a buzinar. É a minha mãe. Pergunta-me, a chorar:

— Porque saíste do recreio, Zettie?

Entre soluços, conto-lhe o que aconteceu.

— Tive medo, mãe. Por isso fugi para aqui.

— Pensei que tinhas ido para o parque. O Benjie e a Ana Mae ajudaram-me a procurar-te. Ficámos tão preocupados. Graças a Deus que estás bem.

A minha mãe acena para o polícia, para lhe dizer que está tudo bem, e eu forço um sorriso, por entre as minhas lágrimas. Vejo que deve ter chorado muito por minha causa, porque ainda tem os olhos vermelhos.

Abraça-me e diz:

— Esta noite, precisamos de relaxar as duas. Trabalhei o dia todo na Feira de Saúde e pagaram-me mais horas. Vamos festejar!

Comemos esparguete e gelado na cafetaria. Depois do jantar, a minha mãe pisca o olho.

— Hoje vamos dormir numa cama a sério!

— Num motel? Naquele super-confortável onde dormimos na última vez? — exclamo.

Mal entramos no quarto, precipito-me para a casa de banho e abro o chuveiro. A água faz-me cócegas nas costas.

— Ó mãe, a água quente sabe tão bem! Quem me dera tomar um duche



todos os dias!

Quando entro na cama, estico-me, sacudo os dedos dos pés e puxo o lençol limpo até ao nariz. A minha mãe abraça-me, chama-me Botão-de-Ouro e sinto todo o seu amor inundar-me.

— Gostavas de dormir numa cama este Verão em vez de no carro? — pergunta-me. — É que uma senhora ofereceu-me um emprego na Feira de Saúde. Vou ajudar a criar um programa para pessoas como nós, com dificuldade em arranjar casa. Vamos poder alugar um quarto — diz a minha mãe.

— Ó mãe, será que vais conseguir poupar para aquele apartamento com jardim enquanto lá trabalhas? E continuar a estudar?

— Espero que sim! — diz ela, abraçando-me com mais força.

Aninho-me nos seus braços e digo:

— Desculpa se, às vezes, me porto mal.

Depois, aninho-me ainda mais e adormeço, sabendo que, com ou sem apartamento, tenho a minha mãe e que ela tem-me a mim.



Monica Gunning  
*A shelter in our car*  
San Francisco, Children's Book Press, 2004  
(Tradução e adaptação)